

Reflexões sobre o fio de uma faca

um conto de Daniel Duende Carvalho

A porta do banheiro se fechou, deixando Ana sozinha no quarto mal-iluminado. As roupas estavam jogadas por todos os lados, do jeito selvagem que ele gostava. Ana estende o braço e desliga a luminária, mas decide acendê-la novamente quando sente o abraço da escuridão. Não queria ficar no escuro. César estava no banheiro, indiferente a ela. Isso era normal. César não costumava se importar com nada além de si mesmo. Talvez ele tomasse um banho e desse a Ana tempo o bastante, ou tempo demais, para ficar sozinha com seus pensamentos. Estendeu as pernas ainda suadas e sentiu seus pelos púbicos repuxando com o gozo dele, que começava a secar, e ficou pensando em como viera parar ali.

Pensou na primeira vez que entregara seu corpo, e talvez seu coração, a alguém. Fazia muito tempo? Não sabia. Talvez metade da vida da qual se lembrava. Pensou na primeira vez que vira César, e nas noites solitárias que passara em claro antes e depois disso. Pensou nas mãos de seu padrasto deslizando enquanto ela fingia dormir. Ela ainda era uma criança então. Sentiu um arrepio. Ela ainda se sentia uma criança. Horror e algum prazer estranho se misturaram no mosto alcohólico de vinho doce que ainda rodopiava em sua cabeça. Os pensamentos voavam, mas com o tempo iriam embora. Bebeu mais um gole de vinho. Ela sempre bebia uma garrafa de vinho, ou mais, antes de se dar. Fosse para anestesiá-la alguma coisa dentro de si, ou para tornar mais doces os momentos de abandono às mãos e desejos de outro. Ana fazia tudo para agradar, mas nunca a si mesma. Ela acreditava que faria qualquer coisa para não ficar sozinha de novo.

O que mais poderia fazer? Passava a mão sobre os mamilos que estavam frios com a saliva que secava e pensou em se levantar para fechar a janela, mas preferiu se abandonar ali na cama por mais tempo. Não queria se mexer. Ficando quieta, sentia que existia menos, e então sofria menos. Era sempre assim, e não era tão ruim quando você aprendia a não se importar. Ela já estivera apaixonada uma vez. Fazia algum tempo, talvez. Era mais jovem então e tudo parecia ser bonito. Tivera a chance de beijar Fabrício – este era seu nome -- durante toda uma noite, em uma festa. Ela ainda morava no sul naquele tempo, e tivera alguns dias felizes. Mas então um dia chegou em casa e descobriu que sua mãe decidira ir embora, levando-a a tiracolo. Foi naquele dia que Ana descobriu que nunca seria dona de sua vida. Foi assim que Ana veio parar em Brasília, e começaram seus piores dias.

César é muito bonito. Ela sempre soubera disso, e ele também. E soubera também que não era apenas ela que pensava assim. Havia sempre outras mulheres olhando para ele enquanto estavam nos bares. Olhares que ela fingia não ver que eram retribuídos. Ocupava-se de beber, virando as costas de sua cadeira para a porta do banheiro quando ele se demorava para voltar. Mas não conseguia não pensar que ele deveria estar comendo alguém por trás daquelas paredes. Ana não era ciumenta. Não achava que tivesse este direito. Sabia no fundo de si que não havia alegria perfeita, e se contentava com o que pudesse ter, mesmo que fosse pouco. Ao menos César concordava em levá-la para casa. Primeiro para a dele -- para trepar e dizer coisas que ela achava melhor não levar a sério -- e depois até a porta da sua no final da noite. Quando a beijava, ela conseguia acreditar que gostava dela. Seu corpo dava-lhe prazer o bastante. Ela até podia se sentir feliz às vezes, por causa de César. Ou ao menos parecia felicidade, ou era só resignação. Ou não.

Abria as pernas para ele com vontade ou mesmo sem. Era a mais quente forma de afeto que dele ainda recebia -- sua vontade, seu desejo. Ele não a elogiava quase nunca, nem parecia se importar com ela. Mas o roçar de seu corpo e as poucas palavras quase doces que escapavam de seus lábios quando estava dentro dela eram o bastante. Tinham que ser. Ao menos ele a queria em sua cama e tinha tesão por ela. Isso era muito mais do que muitas outras meninas tinham. Muito mais do que esperava ao conhecê-lo. Ele, que era tão grande e tão querido, e que tinha tantos amigos. Todo mundo gostava de César. E dela? Quem realmente gostava dela nesta cidade? Por isso ele era tão importante para ela. Era alguém que dava algo a ela nesta cidade tão seca, com pessoas tão secas -- tanta solidão. Talvez ele gostasse dela a seu modo. Ela, com certeza, sentia muito mais por ele do que ele era capaz de retribuir. As pessoas são assim, às vezes. A isso que sentia, que motivava sua entrega, sua aceitação dos defeitos dele, seu carinho gratuito e suas pernas afastadas docilmente, ela chamava amor. Que diferença fazia se não fosse? Isso era tudo que ela tinha. Isso era seu valor.

Alguma coisa caiu e que se quebrou. Dentro do banheiro César xinga alguém, mas como estava sozinho e ela estava quieta sobre a cama, só poderia estar xingando a si mesmo. Ana pôde ouvir através da porta o barulho dos cacos sendo reunidos e os xingamentos continuavam. "Que merda de noite", dizia ele. Ana percebeu que estava chorando. Não gostava quando ele gritava, e se entristecia quando sentia que valia tão pouco para ele que um objeto quebrado -- mesmo após uma noite de amor, ou do que ela chamava de amor -- transformava a noite dele em uma merda. Nestes momentos Ana queria morrer. Apenas fechava os olhos, então.

Ela se viu levantar e andar até sua bolsa, que deveria estar em algum lugar por ali. Talvez tivesse mesmo feito isso. Acocorada no chão, procurava por algo dentro da bolsa e voltava para a cama. Sentava-se à beira da cama e colocava-se a olhar o reflexo da luz da luminária na lâmina cromada da faca borboleta. Um reflexo frio que apenas uma faca poderia ter, com a quebra da luz em seus ângulos e a linha fosca de seu fio emoldurando o reflexo. A faca fora um presente de César. Ana não sabia por que tinha aquela faca em suas mãos. Talvez pensasse em se matar, ou apenas quisesse olhar para a faca. Ela simplesmente não sabia. Seus pensamentos tinham vontade própria. Voltava a fechar os olhos...

Lá dentro do banheiro o ruído aspirado indicava que César estava cheirando de novo. Esta era outra coisa de que Ana não gostava. Sua face ficou quente, seus olhos fechados marejavam e as lágrimas escorriam pelos lados do rosto. Estava ficando sóbria e tomando consciência da vida que tinha. Viu-se apontando a faca para o próprio peito e lentamente sobrepondo as duas mãos sobre o final de seu cabo metálico. Não sabia mais o que era real e o que estava apenas em sua cabeça. Foi então que ouviu a porta do banheiro se abrir com o barulho de um trovão.

César gritaria com ela, ela podia ouvir. Ele diria que ela era louca e perguntaria, sem esperar resposta, o que ela pensava estar fazendo. Então ele bateria nela. Já havia batido antes. Ele sempre batia nela quando cheirava e alguma coisa o desagradava. Ela tentava não se importar demais com isso. Seus movimentos eram um borrão em meio às lágrimas de Ana, ou seriam seus pensamentos que estavam turvos? Ela imagina que tentaria se levantar e seria empurrada de volta para a cama. César pularia sobre ela e levantaria a mão para bater nela novamente, seu punho cerrado e seus olhos injetados de raiva. Ana não podia mais aguentar aquilo, e seu braço ainda segurando a faca se contrairia. A lâmina penetraria entre as costelas de César em um estupro quase inaudível. Ana engasgou com seu próprio pranto. Estava chorando alto agora. Imaginava César tentando respirar enquanto caía para o lado na cama, seus olhos tomados de surpresa e perplexidade. Ana pegaria do chão sua saia, seu casaco, talvez também sua bolsa e sairia correndo pela porta. Era tudo absurdo, mas ela estava farta do abismo em que havia mergulhado. Ela certamente acharia o elevador, mesmo cega pelas lágrimas...

Mas nada disso aconteceu. A mordida da lâmina fria em sua carne a despertou. A dor física tomando precedência sobre a dor da alma. Viu, com os olhos marejados, que a porta do banheiro nem sequer havia sido aberta. Continuava sozinha no quarto, apontado a faca para o estreito espaço entre seus seios. Talvez César tivesse gritado algo lá de dentro, mas ela não ouviu. Havia apenas ela e a faca, e sua tristeza. Debaixo da ponta aguda de metal ainda batia um coração. Havia uma fagulha cega causando um incêndio dentro dela, como as fagulhas de luz que a faca refletia em seus olhos. Ana começou a soluçar enquanto seu corpo se movia além de sua vontade, ou movido pelas cordas de titereiro de uma vontade maior. Vestiu sua roupa sem pensar, jogou a faca ainda aberta dentro da bolsa, colocou as botas -- mesmo sem se preocupar em colocar suas meias -- e saiu correndo pela porta, fechando-a atrás de si com um estrondo. Ela merecia mais do que isso, mais do que ele podia dar -- ele que tomava tanto! Devia haver mais do que esta vida que a fazia querer morrer... Algo dentro dela não queria morrer, e ela sabia que precisava fazer algo. Agora, por algum motivo, ela via isso. Sabia que estava muito próxima do abismo, e que precisava correr. Para onde, ela não sabia. Mas sabia que precisava tentar. Ela iria buscar algo melhor agora, pensava. Talvez existisse alguém em algum lugar. Talvez existisse alguém dentro dela. Alguém por quem valesse a pena viver. De qualquer forma, ela não queria morrer ali. Tinha apenas vinte e um anos. Ela certamente acharia o elevador, mesmo cega pelas lágrimas...